

Idioma Estrangeiro e História

O Estudo Esclarecido da Guerra

Cel (Res) John C. McKay, Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA

Os maiores líderes precisam ser educados de maneira abrangente.

—Gen Bda George H. Olmsted, Exército dos EUA

Há 38 anos, quando era um capitão de Infantaria com experiência de combate e um recente bolsista da Fundação Olmsted fluente em espanhol, fui orientado por um respeitado oficial mais antigo, reconhecido por sua bravura e tido em grande estima. Havia servido sob seu comando durante a guerra e o faria mais uma vez em tempo de paz. Era um profissional completo e um cavalheiro de primeira linha. O oficial me informou, sem meias palavras, que cursar o mestrado na Georgetown University em Washington D.C. durante meu tempo livre ao mesmo tempo que cumpria tarefas exigentes no Quartel-General do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) dos Estados Unidos da América (EUA) era um desperdício de tempo. Nos anos 70, o CFN não permitia que, ao retornarem, os bolsistas da Fundação Olmsted cursassem o mestrado em serviço. Não obstante, meus estudos foram custeados pela Fundação Olmsted e pelos benefícios educacionais conferidos pela legislação conhecida como GI Bill.

Nos anos 70, a cultura militar norte-americana costumava desvalorizar os estudos de pós-graduação. Hoje em dia, não se pode tratar uma formação avançada e sofisticada como um detalhe supérfluo e meramente desejável para o quadro de oficiais. Ao longo de toda a história, os Quatro Cavaleiros do Apocalipse — Peste, Guerra, Fome e Morte — têm cavalgado lado a lado causando o sofrimento humano e mudanças políticas. Dos quatro, a Guerra ainda

monta um lustroso corcel, alimentado por muitos dos avanços que enfraqueceram seus companheiros. O “cavalo da Guerra” ainda mantém o poder de causar uma longa sombra. O formato de seu cabresto e freio deve tornar-se uma das principais preocupações — se não a principal — dos dirigentes políticos, oficiais militares e eruditos. Essa preocupação deve tomar a forma de estudos profundos.

O estudo das causas da guerra, ao contrário de seu curso ou condução, é um fenômeno moderno que remonta apenas ao Iluminismo. A crescente atenção que a oficialidade tem dado ao tema é ainda mais recente — relacionada não apenas com um sentido de horror em relação aos fracassos militares do século passado, mas também como assunto de interesse das ciências políticas e sociais.

Um autor afirma que estudar a guerra é um pouco semelhante a estudar economia¹. Os acadêmicos ocidentais obtiveram alguns avanços em dominar as complexidades da economia, mas não tanto com respeito ao estudo da guerra e como preservar a paz. Com efeito, nos EUA, foi só a partir do despontar da era nuclear que o estudo da guerra e da paz aproximou-se do grau de atenção intelectual dedicado à análise econômica. É importante dizer que a atual incidência de guerras, a real situação de seu efetivo estudo, as potências em ascensão do Extremo Oriente e as ações da Rússia sugerem concentrar a atenção intelectual no estudo da guerra. Além disso, cabe às Forças Armadas criar e assegurar um abrangente estudo da guerra. Esse estudo é obtido apenas por meio de uma educação avançada que inclua idiomas e história, a fim de lidar com a dinâmica do comportamento social e humano.



(Foto do Cb Patrick J. Dixon, Força Aérea dos EUA)

O Gen Bda Othman Ali Farhoud (à esquerda), Comandante da 8ª Divisão do Exército do Iraque, cumprimenta o Gen Ex John Abizaid, do Exército dos EUA, em Camp Echo, no Iraque, 27 Out 05. Abizaid, um bolsista da Fundação Olmsted que estudou na Universidade da Jordânia, em Amã, é fluente em árabe e um defensor da instrução cultural e linguística. "Grande parte do problema que estamos enfrentando no Oriente Médio consiste em uma lacuna cultural que só pode ser preenchida pelo ensino proporcionado mais cedo na carreira de um oficial", disse Abizaid em entrevista concedida ao Armed Forces Press Service, 26 Mai 07.

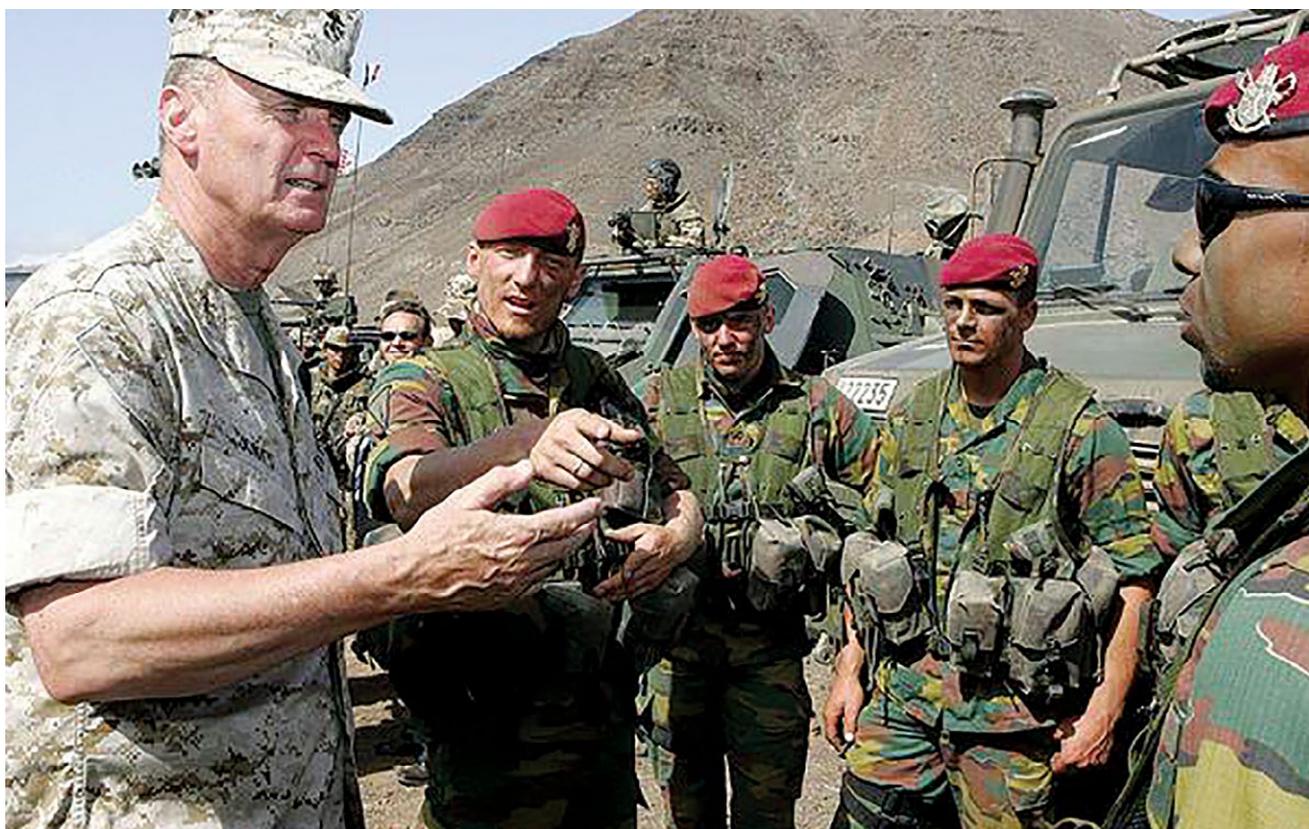
O Campo de Estudos Estratégicos como um Empreendimento Humano

O campo de estudos estratégicos, isto é, a análise da força nas relações internacionais, não encontrou o seu John Maynard Keynes. Podemos isolar os estudos estratégicos, da mesma forma que os economistas isolam os temas de estudos, com diferentes graus de sucesso, dos problemas de organização humana e política internacional?² Talvez não.

Primeiro, a guerra é fruto de um choque de ideias e crenças. Não se pode lidar com ideias, e muito menos entendê-las, a menos que se entendam as culturas das

quais se originam. Não se pode entender uma cultura sem que se tenha um conhecimento profundo de seu idioma.

Segundo, a história deve estar a serviço dos responsáveis pela formulação de políticas. Os que ignoram ou se esquivam da importância das ideias ou crenças como propulsores da ação humana perdem seu tempo. Além disso, compreender as culturas humanas requer uma base em disciplinas tão diversas como antropologia, sociologia, ciências sociais, neurociência, psicologia e muito mais. As trágicas consequências de ignorar essas disciplinas podem ser facilmente identificadas nas



(Foto de International Military Forums)

O Alte Esq James L. Jones, do CFN dos EUA, Comandante Supremo das Forças Aliadas, Europa, dirige-se a militares belgas da Força de Reação da OTAN durante o Exercício *Steadfast Jaguar*, em São Vicente, Cabo Verde, 22 Feb 06. Jones é fluente em francês por ter passado a maior parte de sua infância em Paris, onde seu pai trabalhava para a empresa International Harvester. Além disso, aperfeiçoou suas habilidades em relações exteriores formando-se pela Escola de Serviço no Estrangeiro da Georgetown University.

desventuras dos EUA no Vietnã nos anos 60; no Líbano nos anos 80; e no Oriente Médio atualmente³.

Os custos do fracasso persistem durante décadas, quando não mais que isso. A ignomínia do Vietnã ainda perdura. El Salvador e Honduras se deterioraram social e economicamente, chegando a um estado de quase total anarquia após as intervenções fracassadas dos EUA⁴.

A ignorância tampouco pode ser neutralizada pela arrogância. A lendária Gertrude Bell, uma funcionária colonial britânica que, um século atrás, tornou-se indispensável em um mundo de homens, observou, acertadamente, com respeito ao controle britânico sobre o que viria a ser o Iraque: “É possível persuadir as pessoas a ficarem do seu lado quando nem sabe ao certo se, no final das contas, estará lá para tomar o lado delas?”⁵ Essas foram palavras proféticas. Enquanto o Kaiser Guilherme II planejava a ferrovia que ligaria Berlim a Bagdá, Bell se empenhava em conhecer, intimamente, uma grande parte da Arábia, das áreas

mais remotas da Síria às águas do Golfo Pérsico. Fluente em persa e árabe — bem como alemão e francês — contava com um conhecimento excepcional da história regional. Foi, ainda, a primeira mulher a formar-se com distinção pela Oxford University. Devido às convenções da época, as mulheres não podiam matricular-se ou formar-se por uma universidade antes de 1920. Não preparar as melhores pessoas que um país tenha a oferecer, independentemente do gênero, foi uma falta de visão de futuro e, em última análise, algo contrário ao interesse nacional.

Por essas e uma infinidade de outras razões, os EUA precisam exigir que seus oficiais habitem os bastiões do ensino avançado, em que os inúmeros caprichos e inclinações do que se denomina humanidade possam ser estudados e analisados. Só assim as Forças Armadas da nação poderão executar, efetivamente, sua principal função na sociedade. Negligenciar essa obrigação seria algo anacrônico. Além disso, seria uma aposta arriscada com o futuro.

A Grande Diversidade de Qualidades Intelectuais

O ensino profissional militar pode ser visto sob dois aspectos gerais. O primeiro consiste em instruir e moldar os novos oficiais como parte integrante do todo. Um novo oficial é impressionável e aberto, até mesmo maleável, aos costumes e ao *ethos* da profissão militar. O segundo geralmente ocorre entre oficiais superiores, como tenentes-coronéis ou novos coronéis, e cada vez mais entre oficiais-generais, quando as Escolas de Guerra das Forças Singulares (e, geralmente, no caso de oficiais-generais, as universidades civis) possibilitam um amadurecimento intelectual do oficial. Nas palavras de Carl von Clausewitz: “A influência da grande diversidade de qualidades intelectuais é sentida principalmente nos postos mais elevados da carreira, e aumenta à medida que se sobe a escada. É a causa primordial da diversidade de caminhos que levam à consecução do propósito [...] e da parcela desproporcional atribuída ao papel desempenhado pela probabilidade e pelo acaso na determinação do rumo dos acontecimentos”⁶.

Os desafios diante dos oficiais são extraordinários e graves. A tecnologia, com tudo o que ela pressagia, é somente uma das áreas de interesse. Os norte-americanos são, reconhecidamente, especialistas em concentrar-se na tecnologia para vencer guerras. Pesquisas sobre a guerra de pulsos eletromagnéticos, superioridade de informações, sistemas avançados de tecnologia da informação (suscetíveis ao *hacking* de baixo custo) e *hardwares* cada vez mais caros são apenas alguns exemplos. De modo geral, os norte-americanos são bons em tecnologia. É bom que as Forças dos EUA continuem a aumentar seus conhecimentos especializados nas áreas em que tenham uma relativa vantagem.

Vale lembrar, também, que, se a tecnologia destrutiva aumenta a violência, a tecnologia construtiva aumenta a compaixão, e as lições da tecnologia são universais. Uma dessas lições é que a teleologia tecnológica não é uma medida precisa do verdadeiro desempenho do produto. Não é irônico, porém, que o estudo e o aprendizado e, sim, o espírito empreendedor, que produziram todas essas maravilhas não tenham sido direcionados um pouco mais para o *software*? Especificamente, os formuladores de política norte-americanos, e talvez a liderança militar, prestaram pouca atenção às ideias, crenças, motivações e sonhos dos seres humanos.

A disciplina que recebe a menor atenção é o aprendizado — o verdadeiro aprendizado — de um idioma estrangeiro. Pode-se dizer que os idiomas estrangeiros são vistos como apenas mais um acessório na caixa de ferramentas do reparador. O fato de que a proficiência em um idioma requer tempo para alcançar e constante atenção para manter não é facilmente reconhecido. Por melhor que sejam em tecnologia e suas várias ramificações, os norte-americanos são péssimos no que diz respeito a incentivar a valorização ou reconhecimento da necessidade de aprender um idioma estrangeiro. É natural que essa postura também afete o segmento militar. Há anos que as Forças Armadas se iludem — particularmente ao lidar com o hemisfério ocidental —, acreditando que, devido ao número de militares de origem latino-americana, especialmente entre praças, não haja uma grande necessidade de uma abordagem formal para assegurar a proficiência no idioma espanhol.

Entre os oficiais, existe uma quantidade desproporcionalmente pequena de indivíduos que possam alegar fluência em um idioma estrangeiro. Muitas vezes, a fluência em uma outra língua não foi adquirida por meio de uma instrução formal ou imersão em uma cultura estrangeira. Além disso, o fato de que um indivíduo seja, digamos, de Porto Rico e fluente em espanhol não quer dizer que vá trabalhar bem com tribos indígenas nas selvas do Peru. Os norte-americanos normalmente consideram o Peru como um país de língua espanhola, mas e se esses povos indígenas falarem apenas quéchua ou aimará?

A escassez de conhecimentos linguísticos e culturais — sem falar em discernimento histórico — foi um fator que contribuiu significativamente para o caos no Vietnã, a tragédia no Beirute em 1983, o fracasso em Mogadíscio em 1993 e os graves confrontos atuais com o fundamentalismo islâmico⁷. Comandantes militares com um bom domínio do idioma e uma compreensão profunda da história regional teriam evitado esses conflitos? Os fracassos militares dos EUA poderiam ter sido prevenidos se as Forças Armadas houvessem efetuado os necessários ajustes coordenados ao ensino de oficiais, de modo que eles entendessem os fatores humanos? Talvez não, mas essas duas capacidades, devidamente empregadas e aplicadas, teriam contribuído de maneira pragmática ao processo decisório. A natureza das intervenções e, possivelmente, seus efeitos talvez não houvessem sido tão trágicos.



(Foto de Paolo Bovo)

O Gen Christopher Cavoli, do Exército dos EUA, Comandante do 7º Comando Conjunto Multinacional de Instrução do Exército, conversa com Mariagrazia Santoro, na região Friuli-Venezia Giulia, durante o Congresso sobre Gestão Sustentável de Área de Adestramento, em Udine, na Itália, 09 Jun 15. Cavoli é fluente em italiano, russo e francês e possui titulações pela Princeton University e Yale University.

Portanto, não estaremos, subjetivamente, comprometendo o país a viver uma mentira quando saímos em alguma missão quixotesca no exterior? Em todo caso, o que importa é que, em um contexto clausewitziano, os EUA deixam, significativamente, de imprimir a “influência da grande diversidade de qualidades intelectuais” na oficialidade das Forças Armadas.

○ Estudo de Idiomas

A instituição George and Carol Olmsted Foundation, conhecida como Olmsted Foundation (doravante Fundação Olmsted), concede bolsas de estudo a oficiais subalternos da ativa recomendados pelo Exército, Corpo de Fuzileiros Navais, Marinha e Força Aérea dos EUA. Precisam ter um mínimo de três anos como oficiais, mas não mais que onze anos de serviço ativo no momento da seleção. Todos os anos, os oficiais selecionados recebem a excepcional oportunidade de estudar em um idioma estrangeiro em uma universidade

no exterior. A natureza do programa é especialmente apropriada para os desafios militares que os oficiais da atualidade enfrentarão. Além disso, eles têm a oportunidade de estudar idiomas e culturas de um modo aprofundado relativamente cedo em suas carreiras.

O modo pelo qual as Forças Armadas dos EUA enxergam o programa da Fundação Olmsted é um tanto inconsistente, quando não presunçoso. Nenhuma delas o trata como um programa separado e distinto. Por exemplo, o CFN dos EUA oferece o programa dentro de uma ordem que também anuncia as bolsas dos programas Burke Equivalent Scholars, Fulbright, Rhodes e Guggenheim. Considerando a visão e o sucesso da Fundação Olmsted, as Forças Armadas precisam destacar o programa ao solicitar candidatos. Quando devidamente utilizado, permite uma introdução essencial a um idioma e cultura estrangeiros, que pode ser reforçada ao longo da carreira de um oficial. Em março de 2016, foram selecionados 19 candidatos para a 57ª turma de

bolsistas da Fundação Olmsted. Até a presente data, 620 bolsistas já concluíram, estão cursando ou se preparando para dois anos de estudo no exterior. Cursaram programas em 40 idiomas em mais de 200 universidades estrangeiras em 60 países do mundo⁸.

O Estudo de História

A história não se sai muito melhor que os idiomas estrangeiros em termos de como as Forças Armadas dos EUA preparam os oficiais. O estudo sério de história se define nas supostamente empoeiradas e áridas esferas acadêmicas. É algo que um indivíduo busca por um capricho e não, como nas palavras de Winston Churchill, “para ir ao fundo da questão” para seu próprio entendimento⁹. Vale ponderar os versos cheios de admiração de Rudyard Kipling com respeito aos guerreiros tribais que atacaram as tropas de Infantaria britânicas durante a campanha de 1898-1899 no Sudão. As armas utilizadas pelos militares profissionais britânicos contra os combatentes irregulares nativos incluíam fuzis Martini-Henry — uma tecnologia avançada para a época. Não obstante, o vigoroso ataque envergonhou os britânicos ao romper sua formação de infantaria, conhecida como quadrado:

*We sloshed you with Martinis, an' it wasn't 'ardly fair; / But for all the odds agin' you [...] you broke the [British] square.*¹⁰

[Tradução livre: Nós lhes salpicamos com fuzis Martinis e estava longe de ser justo/Mas contra todas as previsões [...] vocês romperam o quadrado [britânico].]

Isso levanta uma outra questão: e quanto ao inimigo que não jogue limpo ou que talvez invente um novo conjunto de regras? Os norte-americanos às vezes se esquecem de como um pequeno grupo de combatentes revolucionários resistiram a duas ondas de tropas britânicas em Bunker Hill, em 17 de junho de 1775¹¹. Os comandantes britânicos entraram em combate convictos de sua superioridade, e o custo de sua vitória sobre milícias amadoras ficou acima de mil baixas, incluindo muitos oficiais.

Quais são as premissas dos comandantes norte-americanos em relação aos seus inimigos? Os norte-americanos talvez imaginem que sua superioridade sobre os inimigos consiste em sua primazia tecnológica — que é transitória. Permitam-me sugerir que os norte-americanos também têm se deixado levar pela arrogância gerada pela suposta superioridade das forças armadas profissionais, como os britânicos no Sudão

ou em Bunker Hill. O “quadrado” norte-americano foi rompido mais de uma vez desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

O conhecimento e proficiência linguísticos aliados a uma profunda compreensão histórica fomentam a coerência estratégica. Ajudam a conferir um certo entendimento universal sobre as queixas, motivações e prováveis ações humanas. Deixemos de lado, por ora, o ensino profissional militar, embora seja importante, incluindo as escolas militares superiores. Consideremos programas como o da Fundação Olmsted, oferecido a oficiais intermediários e subalternos. Pensemos em termos mais gerais, como a Stanford University, Johns Hopkins University, Naval Postgraduate School, Georgetown University e outras instituições, que preparam os oficiais para os atuais desafios diante da nação e para as incógnitas do futuro.

O estudo inadequado prejudicou as operações militares no passado. Como observou o Primeiro Lorde do Almirantado Winston Churchill em relação à Marinha Real às vésperas da Primeira Guerra Mundial:

Não estava quieta por estar absorta em reflexão e estudo, mas por estar sobrecarregada por sua rotina diária e por sua técnica cada vez mais complicada e diversificada. Tínhamos administradores competentes, especialistas brilhantes em todas as áreas, navegadores inigualáveis, bons disciplinadores, grandes oficiais de marinha, corações valentes e dedicados; entretanto, no final do conflito, tínhamos mais comandantes de navios que comandantes guerreiros¹².

A propósito dessas palavras, um estudo de 2015 sobre as deficiências da Marinha dos EUA, *Navy Strategy Development: Strategy in the 21st Century* (“Desenvolvimento de Estratégia da Marinha: Estratégia no Século XXI”, em tradução livre), ecoa as preocupações de Churchill de mais de um século atrás. O estudo afirma que a Marinha dos EUA “dá pouca ênfase institucional ao desenvolvimento educacional e intelectual de seus oficiais além das questões operacionais”¹³.

A Compreensão da Natureza Humana

Nossos comandantes de guerra precisam estar absortos na reflexão e no estudo que só podem resultar da educação avançada. O domínio de idiomas deve advir da imersão cultural. O curso *Rosetta Stone* e até

mesmo o Centro de Idiomas Estrangeiros do Instituto de Idiomas do Departamento de Defesa podem ser bons no que se propõem, mas são de nível básico, introdutório. Da mesma forma, faz-se necessário entender, realmente, a história; caso contrário, os comandantes militares cambalearão cegamente.

Acima de tudo, nossos comandantes de guerra devem se empenhar em entender a natureza humana.

A educação avançada da oficialidade não é um mero luxo, e sim uma necessidade absoluta. Não aceitar esse fato é insensato e perigoso. ■

Este artigo foi adaptado de uma palestra proferida em 24 Jul 15 durante o evento Naval Postgraduate School Marine Dining Out, em Pacific House, Monterey, Califórnia.

O Coronel John McKay, da reserva do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, é autor, consultor e palestrante. Como oficial de Infantaria, serviu em três guerras, sendo ferido duas vezes. Tem títulos de mestrado pela Georgetown University e pelo National War College. Criado na América Latina, foi bolsista da Fundação Olmsted e é tradutor e intérprete de espanhol. Serviu como adido naval em El Salvador durante a guerra civil nos anos 80 e como Comandante da Força-Tarefa Conjunta-160, na Baía de Guantánamo, em Cuba, em 1995-96. Trabalhou na América do Sul para uma agência nacional de Inteligência e no México para a agência Drug Enforcement Administration.

Referências

Epígrafe. U.S. Army Maj. Gen. George H. Olmsted, citação no site da Fundação Olmsted, acesso em 12 mai. 2016, <http://www.olmstedfoundation.org>.

1. Alastair Buchan, *War in Modern Society: An Introduction* (London: C.A. Watts & Co. Ltd., 1966), p. xi.

2. *Ibid.*, p. ix–xiii.

3. Para obter mais informações sobre intervenções fracassadas dos EUA no Vietnã, Líbano e Oriente Médio, veja Andrew J. Bacevich, *Washington Rules: America's Path to Permanent War* (New York: Metropolitan Books, 2010), p. 93, p. 98–100 e p. 121–27; e *America's War for the Greater Middle East: a Military History* (New York: Random House, 2016).

4. Para obter mais informações sobre El Salvador e Honduras, veja Douglas V. Porpora, *How Holocausts Happen: The United States in Central America* (Philadelphia: Temple University Press, 1990). Veja, também, as obras de Horacio Castellanos Moya, como *Con la congoja de la pasada tormenta* (San Salvador: Editorial Tendencias, 1995); *Recuento de incertidumbres: cultura y transición en El Salvador* (San Salvador: Editorial Tendencias, 1993); e *The Dream of My Return*, trad. Katherine Silver (New York: New Directions Books, 2015)

5. Gertrude Bell, apud Christopher Dickey, "'The Unraveling,' by Emma Sky", *New York Times* online book review, 8 July 2015, acesso em 18 mai. 2016, http://www.nytimes.com/2015/07/12/books/review/the-unraveling-by-emma-sky.html?_r=0. Veja, também, Gertrude Bell, *The Letters of Gertrude Bell*, vol. I, site Project Gutenberg Australia, acesso em 19 mai. 2016, <http://gutenberg.net.au/ebooks04/0400341h.html>.

6. Carl von Clausewitz, *On War*, ed. and trans. by Michael Howard and Peter Paret (Princeton: Princeton University Press, 1967), p. 139. [Os trechos da obra *Da Guerra* foram extraídos da tradução do inglês para o português do CMG (RRm) Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle, a partir da versão em inglês de Michael Howard e Peter Paret. — N. do T.]

7. Veja Gilles Kepel, trans. Anthony F. Roberts, *Jihad: The Trail of Political Islam* (Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press, 2002), p. 317–19, e Bacevich, *America's War for the Greater Middle East: a Military History*, p. 143–59.

8. The Olmsted Foundation, "Locations Announced for OSC 2016", site The Olmsted Foundation, acesso em 19 mai. 2016, <http://www.olmstedfoundation.org/news/locations-announced-for-osc-2016>.

9. Winston S. Churchill, "The Old Lion", (radio speech broadcast from London to America, 16 June 1941).

10. Rudyard Kipling, "Fuzzy-Wuzzy (Soudan Expeditionary Force)", *Ballads and Barrack-Room Ballads*, (New York: Macmillan and Co., 1893), p. 150–152

11. John Whiteclay Chambers II, ed. *The Oxford Companion to American Military History* (New York: Oxford University Press, 1999), p. 96.

12. Winston S. Churchill, *The Collected Works of Sir Winston Churchill*, Centenary Limited Edition, vol. VIII, *The World Crisis, Part One, 1911-1914* (London: The Library of Imperial History, 1974), p. 58.

13. James A. Russell et al., *Navy Strategy Development: Strategy in the 21st Century*, Navy Research Program Project FY14-N3/N5-0001 (Monterey, CA: Naval Postgraduate School: 2015), p. 6.